

- KEEL, Othmar. *The Symbolism of the Biblical World: Ancient Near Eastern Iconography and the Book of Psalms*. Translator Timothy J. Hallett. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997.
- METTINGER, Tryggve N. D. *The Eden Narrative: A Literary and Religio-historical Study of Genesis 2-3*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2007.
- MOBERLY, R. W. L. Did the Interpreters Get It Right? Genesis 2-3 Reconsidered. *Journal of Theological Studies*, vol. 59, n. 1, p. 22-40, 2008.
- MURAOKA, Takamitsu. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Louvain: Peeters, 2009.
- PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*. 3. ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969.
- ROBBINS, Ellen A. *The Storyteller and the Garden of Eden*. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2012.
- SCHÜLE, Andreas. *Die Urgeschichte (Genesis 1-11)*. Zürich: Theologischer Verlag Zürich, 2009.
- STONE, M. E. *Greek Apocalypse of Ezra (Second to Ninth Century A.D.). The Old Testament Pseudepigrapha*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1983.
- STORDALEN, T. *Echoes of Eden: Genesis 2-3 and Symbolism of the Eden Garden in Biblical Hebrew Literature*. *Biblical Exegesis & Theology*, vol. 25. Leuven: Peeters, 2000.
- VON RAD, Gerhard. *Genesis*. Old Testament Library. Philadelphia: Westminster Press, 1972.
- VRIEZEN, Th. C. and A. S. van der Woude. *OudIsraëlitische & VroegJoodse Literatuur: De Literatuur van Oud-Israël*. Kampen: Uitgeverij Kok, 2000.
- WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15*. Word Biblical Commentary, vol. 1. Nashville, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1987.

Recebido em: 06/03/2017

Aprovado em: 28/04/2017

Teologia cristã latino-americana Anotações sobre a Área de Concentração do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP

Latin-American Christian Theology
Notes on the area of concentration
of the Program of Post-Graduated
Studies in Theology of PUC-SP

*Antonio Manzatto**
*Matthias Grenzer***

Resumo: Acolhendo o debate atual sobre a presença da teologia no mundo acadêmico, o estudo aqui apresentado descreve a proposta epistemológica que o Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP faz à comunidade científica. Ao intitular sua única Área de Concentração de “Teologia cristã”, é preciso destacar o significado do termo “teologia” e, especificamente, o

* Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Docente-permanente no PEPG em Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa “Literatura, Religião e Teologia” (LERTE).

** Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha. Docente-permanente no PEPG em Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa “Tradução e Interpretação do Antigo Testamento” (TIAT).

núcleo fundante e identitário da teologia cristã. Como a fé cristã e a prática que ela produz sempre se dão em determinados contextos histórico-sociais, também a teologia, como ciência hermenêutica e estudo crítico de tais realidades, assume traços característicos. Nesse sentido, a teologia cristã pesquisada no PPG em Teologia da PUC-SP se caracteriza, epistemologicamente, como latino-americana, sendo que sua reflexão adquire, justamente a partir dessa identidade, uma capacidade dialogante maior com relação às demais realidades humanas.

Palavras-chave: Teologia; Cristianismo; América-Latina; Universidade; Estudos avançados.

Abstract: Considering the current debate about the presence of theology in the academic world, this study will describe the epistemological proposal that the Program of Post-Graduated Studies in Theology of PUC-SP does to the scientific community. “Christian Theology” is the new title for the single area of concentration. Though, it is necessary to highlight the meaning of the term “theology”, and specifically the foundational and identity nucleus of Christian Theology. As the Christian faith and its practice always take place in certain historical-social contexts, theology as a hermeneutical science and critical study of these realities assumes characteristic traits as well. In this sense, the Christian Theology researched in the Program of Post-Graduated Studies in Theology of PUC-SP is epistemologically characterized as Latin American. Its reflection acquires, due of its identity, a greater capacity of dialogue in relation to other human realities.

Keywords: Theology, Christianity, Latin America, university, advanced studies

Introdução

Nos últimos anos, tem ocorrido no Brasil um debate intenso sobre a *teologia*, especialmente sua epistemologia, e, ligada a essa

questão, sua presença no mundo acadêmico, sobretudo no espaço universitário e na sociedade atual. Existem, portanto, perguntas sobre quais seriam, exatamente, os objetos materiais passíveis de investigação teológica, e sobre de que forma, com qual método e, conseqüentemente, com qual cientificidade a teologia os pesquisa?

Existem, atualmente, nove *Programas de Estudos Pós-Graduados* (PPGs) em *Teologia* no Brasil, sendo que sete deles se configuram como acadêmicos e dois como profissionais. Junto a outros doze PPGs em *Ciência(s) da(s) Religião(ões)*, os PPGs em Teologia são membros da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião* (ANPTECRE).¹ Além disso, reconhecidos pela *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), do *Ministério da Educação* (MEC), os PPGs em Teologia e em Ciências da Religião formam, juntos, uma área de saber. Justamente em 2016, a CAPES criou a *Área da Teologia*, através da Portaria CAPES 174/2016, publicada no Diário Oficial da União de 13 de outubro de 2016, desmembrando a anterior Subcomissão de Teologia da Área de Filosofia.² Tal reorganização deu ainda mais visibilidade ao fato de que a Teologia se encontra integrada no chamado “Colégio das Humanidades” e na Grande Área das “Ciências Humanas”, acompanhando, nesta última, as Áreas de Antropologia/Arqueologia, Ciência Política e Relações Internacionais, Educação, Filosofia, Geografia, História, Psicologia e Sociologia. Sobra apenas a aparente infelicidade de que os PPGs em Ciências da Religião, embora sejam constitutivos dessa nova Área de Teologia, por enquanto não apresentam visibilidade no nome da Área.³

¹ Veja a lista dos PPG's em Teologia e Ciências da Religião, membros da ANPTECRE, no site oficial da Associação (<http://www.anptecre.org.br/index.php?pagina=associado&tela=14>).

² Veja o mapa das quarenta e nove Áreas, distribuídas em três Colégios e nove Grandes Áreas, no site da CAPES (<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>).

³ A respeito do nome da Área, confira a discussão em Flavio SENRA. O teólogo e o cientista da religião: religiografia acerca das interfaces entre Ciências da Religião

Os PPGs em Teologia, com sua presença em universidades comunitárias e faculdades, são importantes centros para a realização de pesquisas avançadas. É especialmente nesses espaços que há que se debater e formular o estatuto epistemológico da teologia. Nesse sentido, o estudo aqui apresentado busca descrever, pormenorizada-mente, a proposta feita pelo *PPG em Teologia* da *PUC-SP*. Afirma-se, comumente, que a teologia, “no contexto brasileiro, carece ainda de uma exposição clara de seu estatuto epistemológico para que possa adquirir a legitimidade plena, para além das legitimidades políticas já conquistadas”.⁴ Dessa forma, talvez seja até possível que a teologia, num futuro não tão distante, conquiste seu lugar também em universidades públicas, como já é o caso em diversos outros países.

1. Teologia – um conceito ligado ao cristianismo

O conceito *teologia* provém da junção de duas palavras gregas. No caso, os termos *deus* (θεός) e *palavra* (λόγος) se unem. Pela primeira vez, a expressão *teologia* surge com Platão (428/7–348/7 a.C.) no período clássico da antiga Grécia – veja o termo na obra *República* (Πολιτεία), Segundo Livro, 379 –, quando o personagem Sócrates discursa sobre “os tipos com respeito à teologia” (οἱ τύποι περὶ Θεολογίας), ou seja, sobre as marcas, formas ou concepções que deveriam fazer parte de um discurso autêntico sobre Deus.⁵

Desde o século II d.C., por sua vez, os autores cristãos usam o termo “teologia” para falarem de tudo o que se relaciona à sua fé e à forma de vivenciá-la. Sem descrever agora as concepções e configurações diferentes da disciplina teológica no decorrer da história do cristianismo, pode-se dizer que o conceito “teologia” se encontra,

ou Religiologia e Teologia no Brasil. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, ano 16, n. 1, p. 109-136, 2016.

⁴ João Décio PASSOS. Teologia na universidade: coisa eclesial ou coisa pública? *Rever: Revista de Estudos da Religião*, ano 16, n. 1, p. 80, 2016 (veja a mesma reivindicação nas páginas 84 e 93 a 94).

⁵ Michael BORDT. *Platons Theologie*. Freiburg: Herder, 2006.

de modo específico, ligado a esta tradição religiosa, sobretudo no Ocidente. São praticamente dois mil anos de argumentação sobre os conteúdos da fé cristã que estabeleceram ampla tradição, da qual, de uma maneira ou de outra, é herdeira a cultura contemporânea. Não é sem interesse notar o espaço de inter-relação da teologia cristã nascente com os ambientes culturais onde se situava. Nascido dentro do judaísmo, o cristianismo guardou relação com ele na utilização de seus conceitos-chave e matrizes teológicas, ainda que, com o passar do tempo, fosse se separando de maneira mais pronunciada. Em contato com o mundo da filosofia grega, o cristianismo não apenas traduziu-se em uma nova linguagem, mas configurou-se nessa nova realidade de forma praticamente completa, assumindo novas categorias e procedimentos teórico-metodológicos. Em contato com a estrutura social romana e, posteriormente, da advinda dos povos bárbaros, soube também ali entender-se e adaptar-se. Mas não só, porque de tal forma provocou a união entre judaísmo, helenismo e modos de existência romana e bárbara que se tornou matriz da cultura ocidental, que leva a marca cristã desde seu nascimento até os dias atuais. Afinal, o que chamamos de Ocidente é uma cultura fortemente marcada pelo cristianismo, com sua maneira de pensar, de argumentar e de propor valores para a convivência humana.

A partir do século XIII d.C., com o nascimento das universidades “no seio da cristandade”, a *teologia* também ocupa um lugar nesse espaço privilegiado em que “a razão busca sua autonomia”, sendo que “o caráter público da universidade abre os estudos teológicos, assim como os filosóficos, jurídicos e médicos, para um público mais amplo que habita as cidades e pode, agora, associar-se na busca do reconhecimento”.⁶ No decorrer da história das universidades, praticamente todas as religiões se tornaram nelas objeto de estudo científico. Surpreende, no entanto, que isso não tenha ocorrido sob

⁶ João Décio PASSOS. Teologia na universidade, p. 88.

o nome de *teologia*. Observa-se, por exemplo, o termo *Estudos Judaicos* para as pesquisas sobre judaísmo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ou *Estudos Hebraicos e Judaicos* na Faculdade de Letras da UFRJ. Ainda não existe um curso reconhecido de *Ciência Islâmica* no Brasil, mas é com este nome que os conteúdos da religião do Islã são estudados em importantes centros universitários no exterior. Semelhantemente se encontram estudos do Budismo, do Hinduísmo etc.

Enfim, o termo “teologia” não é propriedade exclusiva do cristianismo. Aliás, isso nem seria desejável, uma vez que um cristianismo mais consciente de sua fé sempre irá reconhecer a importância das outras religiões, valorizando as reflexões e os discursos delas sobre Deus, para assim “dialogar” e “agir conjuntamente” com elas pelas maiores causas da humanidade.⁷ A ação conjunta das religiões em benefício da humanidade é uma busca que tem marcas não apenas ocidentais mas também cristãs, na medida em que o próprio cristianismo é matriz cultural ocidental.

Observa-se aqui apenas que o termo “teologia”, sobretudo na cultura ocidental, historicamente chegou a ocupar significativos espaços a partir da presença do cristianismo. Como dito, isso não impede ninguém de usar a expressão fora desse espaço específico, atribuindo-lhe talvez uma relevância sem limites. O próprio cristianismo nunca pensou a teologia como ciência interna, oculta, destinada exclusivamente a seus fiéis ou à sua estrutura hierárquica. Sinal disso é que a reflexão cristã-teológica sempre ocorreu em diálogo, por excelência, com a filosofia, mas também com as demais ciências. Na verdade, o cristianismo não compreende sua fé vivida sem uma referência à comunidade, que ao longo do tempo se estruturou como Igreja. Esta se institucionalizou, ocupou espaço público importante e, ainda que com diferentes denominações, constitui referência necessária à elaboração teológica, como mostraremos a seguir. Mais

⁷ Marcial MAÇANEIRO. *Religiões & Ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 185.191.

ainda, o cristianismo não compreende a vivência de sua fé sem referência à sociedade na qual vivem os crentes. Tanto do ponto de vista ético quanto do ponto de vista político, a afirmação da fé cristã tem consequências sociais, mais ainda pela força de suas estruturas eclesiais. Se isso, de um lado, traz compreensível receio acadêmico em relação a um possível controle institucional – fato do qual não está isento nenhum pesquisador acadêmico, qualquer que seja sua filiação institucional –, do outro lado, garante um espaço de atuação social bastante interessante à própria pesquisa teológica, que ultrapassa seus limites para alcançar a dinâmica social. Assim, a teologia dialoga não apenas com as ciências de forma acadêmica, mas também com a sociedade de forma vivencial.

Mais ainda: pode-se dizer que, “etimologicamente, *theo-logia* é discurso, pensamento, reflexão sobre Deus”.⁸ E, sublinhando o termo “palavra”, seja oral, seja escrita, “falar sobre Deus é a tarefa primeira da teologia”.⁹ Ao mesmo tempo, no entanto, a teologia está consciente da seguinte condição: “Trata-se de uma empreitada humana, não divina”, sendo que a teologia “apresenta o que percebe da verdade com argumentos que podem ser discutidos e questionados”, sabendo que, como teologia, “nunca possuirá a verdade nem a encontrará de forma absoluta”.¹⁰

Agora, por sua vez, é preciso dizer, de acordo com o propósito deste Artigo, como o *PPG em Teologia* da *PUC-SP* compreende a cientificidade das pesquisas realizadas por quem nele atua e onde imagina oferecer uma contribuição específica no âmbito dos estudos pós-graduados.

⁸ Roger HAIGHT. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 238.

⁹ Cesar KUZMA. A teologia no universo científico e sua especificidade epistemológica. In: Afonso Maria Ligorio SOARES; João Décio PASSOS (org.). *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 239.

¹⁰ Rudolf von SINNER. Teologia pública no Brasil. In: Afonso Maria Ligorio SOARES; João Décio PASSOS (org.). *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 271.

2. O núcleo fundante e identitário da teologia cristã

Do ponto de vista histórico, Jesus de Nazaré, em torno do ano 30 do século I de nossa era, tornou-se pregador itinerante, dando início a um movimento que imediatamente provocou reações e se prolongou mesmo depois de sua morte. Herdeiro das tradições do povo judeu, insistiu nas antigas promessas religiosas presentes na Torá, nos Profetas e nos Salmos, textos estimados pelos judeus como Sagradas Escrituras (Lc 22,44-45), mas as reinterpreto e atualizou para seu próprio ambiente existencial, de forma que atraiu seguidores e opositores por sua radical opção de propor outra forma de organização social que privilegiasse os mais pobres e sofridos.¹¹ Isso, que está contido na própria história e confissão do povo judeu, tem base em sua fé em Deus e foi por Jesus levado às últimas consequências, de forma que muitos o identificaram com o Messias prometido e o seguiram, enquanto outros trataram de eliminar sua influência social e, por isso, o condenaram à morte. Vale lembrar que o conceito de “Messias” também é de origem hebraica e indica um personagem acreditado como ungido de Deus para governar o povo em nome do próprio Deus, de maneira justa e definitiva. A tradução grega da palavra “Messias” é “Cristo”, que, a rigor, significa apenas “ungido”. Nota-se, então, que há uma elaboração na aproximação de conceitos distintos (Messias e Cristo) mais do que uma simples tradução. De

¹¹ Confira alguns dados bibliográficos mais significativos, com respeito à temática histórico-teológica aqui circunscrita, fazendo referência a títulos que, nos últimos anos, foram traduzidos para a língua portuguesa: Guiseppe BARBAGLIO. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2015; John Dominic CROSSAN; Jonathan L. REED. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2012; Gerd THEISSEN. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009; John Dominic CROSSAN. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004; Ekkehard W. STEGEMANN; Wolfgang STEGEMANN. *História do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 1999. A ausência de títulos nacionais indica o quanto, em termos nacionais, podem crescer os estudos histórico-teológicos de Jesus de Nazaré, favorecendo-se pesquisas de cunho científico.

alguma forma, já se faz aqui uma “elaboração teológica”, porque há deslize de significação na tradução dos conceitos.¹²

Fato é que, depois da morte de Jesus, a fé cristológica de seus seguidores resultou na continuação do movimento. Acreditando e anunciando sua ressurreição e a permanência de seu espírito como início do novo tempo para a humanidade, surgiram as comunidades cristãs, primeiramente dentro do judaísmo e, em pouco tempo, abrindo-se ao acolhimento dos não judeus para, logo depois, situar-se decisivamente no mundo greco-romano. Nascido, sobretudo, como movimento de escravos, camponeses e pobres, o cristianismo foi-se esparramando por todo o Império como uma nova proposta de vida, até chegar a atrair, por isso mesmo, outras classes sociais, como dos intelectuais, nobres e políticos.¹³ Afinal, o anúncio da chegada de Deus e de seu Reino e, mais, a forma de organização da vida da comunidade cristã, testemunhando a presença efetiva deste Reino na história humana, transformaram corações e mentes e proporcionaram uma nova maneira de as pessoas, os pequenos em primeiro lugar, referirem-se a Deus e à experiência de construção da humanidade.

Por outro lado, a fé dos primeiros cristãos em Jesus de Nazaré como o Messias ressuscitado, Filho de Deus e do homem, deu, ainda no primeiro século, origem a um novo tipo de literatura. No caso, os quatro *Evangelhos*, parte integrante dos escritos reunidos no Novo Testamento, expõem as tradições ligadas à pessoa de Jesus de Nazaré e à fé dos primeiros cristãos. Mais tarde, acompanhados por outros escritos epistolares, pela narrativa dos Atos dos Apóstolos e pela profecia do Apocalipse de João, os Evangelhos formariam o acervo dos vinte e sete textos históricos e literários que configuram

¹² Cf. Bernard Sesboué, *Le Christ dans la tradition de l'Église: édition revue, corrigée et mise à jour*. Tournai: Desclée, 2000.

¹³ Cf. Emilio Voigt. *Contexto e surgimento do Movimento de Jesus: as razões do seguimento*. São Paulo: Loyola, 2014.

o Novo Testamento, sendo que neles se transmitem a fé e a reflexão teológica a respeito de Jesus de Nazaré no período do cristianismo primitivo. Estes textos permaneceram como referência fundamental do cristianismo e foram sendo relidos e reinterpretados pelas subsequentes gerações de cristãos inseridos nos mais diferentes lugares do Império Romano, ajudando o cristianismo a se difundir pelos diversos ambientes imperiais. Muitos desses cristãos, intelectuais e pensadores, passaram a elaborar um corpo de reflexão que queria entender e explicar, além de defender, os princípios fundamentais da fé cristã em referência à antiga religião de Israel, ao ambiente do mundo greco-romano e às diferentes experiências religiosas vividas pelas pessoas e comunidades que passavam a confessar a fé cristã. Estavam, então, definidas as bases da elaboração teológica cristã no horizonte de sua profissão de fé: a vida e a pessoa de Jesus de Nazaré, os textos que a ele se referem e o pensamento interpretativo dos Padres da Igreja.¹⁴

Em outras palavras, a teologia cristã, ao estudar a fé enquanto esforço humano, sempre o faz com vistas ao encontro interpessoal original e revelador entre Jesus e seus primeiros seguidores, sendo que este adquiriu, como experiência humana, as dimensões de uma proposta capaz de originar, de forma surpreendente, novas respostas marcadas pela mesma fé. No caso, essa fé pode levar as pessoas a se arrisquem em novos encontros interpessoais, os quais outra vez, ao avistarem o que há de mais humano neste mundo, proporcionam ao homem a oportunidade de se encontrar com o sentido de sua existência.

Portanto, a teologia cristã, ao estudar criticamente a fé cristã, deve se encontrar, primeiramente, com o modelo de fé original e revelador, narrado, por excelência, nos Evangelhos. Nesse sentido, torna-se plausível que, embora sejam “inseparáveis” e somente

¹⁴ Por exemplo, Bernard SESBOUÉ. *História dos dogmas*. São Paulo: Loyola, 2002-2006. 4 vols.

existam “em unidade reciprocamente causada”, a fé e a revelação são os dois “fundamentos da teologia”.¹⁵ Comumente, ao se descrever o estatuto epistemológico da teologia, a fé é mencionada sem que se mencione sua origem. Assim também ocorre nos *Requisitos para a Apresentação de Propostas de Cursos Novos* (APCN) para a *Área de Teologia* na CAPES, publicados em 2016, onde se afirma, acolhendo a expressão cunhada por Santo Anselmo, que a “Teologia pesquisa a *inteligência da fé*”.¹⁶ Enfim, isso não é errado. No entanto, não descreve satisfatoriamente o que pode ser estudado ao se falar de teologia cristã.

Jon Sobrino afirma a teologia como *intellectus amoris*,¹⁷ o que não está em contradição com o *intellectus fidei*, mas, ao contrário, mostra melhor seu alcance. Na verdade, ao falarmos de fé não dizemos apenas crença, no sentido daquilo em que se acredita ou se sabe, mas dizemos também confiança, no sentido daquilo que se espera e se pratica. Sem negar a dimensão da fé como conhecimento, e, em referência à Revelação, a fé efetivamente conhece, é preciso entendê-la também como *éthos* que ocasiona uma práxis.¹⁸ Em outras palavras, pode-se dizer que a fé é um comportamento que testemunha a confiança do crente naquilo que é proposto e afirmado na Revelação de Deus (Hb 11,1).

Aqui se tem mais amplamente esboçado aquilo que o PPG em Teologia da PUC-SP se propõe a estudar em relação à afirmação da fé cristã. Porque, se, por um lado, há que se entender a Revelação de

¹⁵ Roger HAIGHT. *Dinâmica da teologia*, p. 239.

¹⁶ Confira os *Critérios de APCN 2017 – Teologia*, na p. 2 (http://www.capes.gov.br/images/documentos/Criterios_apcn_2semestre/Crit%C3%A9rios_de_APCN_2017_-_Teologia.pdf).

¹⁷ Jon SOBRINO. *Jesus, o Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁸ A perspectiva é clássica e tradicional, sobretudo na América Latina. Veja-se, por exemplo, Leonardo Boff. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980. Mais recente e aproximando a teologia da prática cristã, Christoph Schneider-Harpprecht; Roberto E. Zwetsch (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Deus na história, sobretudo na pessoa e na ação de Jesus de Nazaré, por outro há que se compreender que isso deve ser feito de maneira, ao mesmo tempo, tradicional e atual. Ou seja, há uma tradição, a cristã, que entende e compreende as afirmações de sua fé de maneira contínua ao longo da história, em fidelidade ao conteúdo dessas afirmações. Mas cada época, cada geração, cada sociedade precisa entender, em relação a seu contexto próprio e a seus aspectos existenciais, o significado dessas afirmações de fé. Por isso, aquilo que se afirma como conteúdo da fé se historiciza na prática dos cristãos, incluindo as repercussões sociais que pode causar.

Resumindo os elementos aqui expostos, pode-se dizer que a proposta do PPG em Teologia da PUC-SP vê no estudo metodologicamente “justificado e científico de Jesus de Nazaré e de seu Evangelho” o ponto de partida e a referência para as pesquisas teológicas nele promovidas.¹⁹ Com a presença do adjetivo “cristão” no nome de sua única *Área de Concentração*, nomeada *Teologia cristã*, o PPG em Teologia da PUC-SP explicita que este “núcleo fundante e identitário quer favorecer o foco cristológico das pesquisas”.²⁰ Ou seja, estuda-se a fé a partir de sua configuração em relação às narrativas sobre Jesus de Nazaré e aos outros textos neotestamentários, cujo sentido só pode ser apreendido em referência às tradições de Israel, relidas e reinterpretadas a partir de Jesus. Estuda-se também a evolução da compreensão dessa fé ao longo da história, o que normalmente se chama de teologia estrita, seja na formação do corpo doutrinal, seja nas diferentes maneiras de os cristãos se comportarem em seus respectivos contextos.

Claro que a referência a Jesus de Nazaré, aos cristãos e a suas comunidades conduz inevitavelmente à compreensão do

¹⁹ Confira o Artigo 17, § 2º, Inciso III, no Regulamento do PPG em Teologia da PUC-SP (<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/teologia#regulamento>).

²⁰ Artigo 17, § 2º, Inciso II, no Regulamento do PPG em Teologia da PUC-SP.

compromisso eclesial da fé e da teologia.²¹ Diferentemente de outras crenças, o cristianismo não se compreende sem a referência fundamental à comunidade, ao coletivo. O “eu creio” sempre se liga ao “nós cremos”.²² Porque a proposta de Jesus de Nazaré é a de reorganização da vida social; a confissão de fé em sua pessoa não pode ser feita de maneira isolada da comunidade. Essa comunidade não será simples conceito, pois sua institucionalização é necessária em função da historicização da prática dos cristãos, que afirma que o Reino já está presente na história, ainda que de maneira simbólica.

No Brasil, com a separação entre Igreja e Estado e a consequente afirmação da laicidade do Estado, o mundo acadêmico teme possível controle da instituição eclesial, seja sobre o conhecimento da fé, seja, mais largamente, sobre o conhecimento produzido por outras ciências e que poderia ser controlado pela instituição eclesial ou pelas “verdades teológicas”. De um lado há um grande mito nisso, uma vez que as universidades nasceram, ainda no medievo, como órgãos da Igreja e em torno do ensino da teologia. Se evoluíram e alcançaram autonomia, tanto acadêmica quanto institucional, é uma prova de que tal controle, se existiu esporádica e localmente, não é comum nem é a tônica. Por outro lado, não se deve desconhecer que as instituições, mesmo as acadêmicas, sempre são governadas e financiadas por algum tipo de organização que, por isso, pode controlá-las, sim, por razões ideológicas, políticas ou financeiras, como também já vimos acontecer na história.

As Igrejas cristãs, de longa data, estão presentes no mundo da educação e realizam trabalhos de excelência. Esta é uma característica do ensino confessional, buscado ainda hoje por tantas pessoas exatamente por sua qualidade. No mundo universitário, é conhecido o trabalho exemplar desempenhado pelas universidades

²¹ Assim, por exemplo, em Bernard Lauret; François Refoulé (org.). *Iniciação à prática da teologia*. São Paulo: Loyola, 1992.

²² João Batista Libânio. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000.

confessionais, que se colocam entre as melhores do país, segundo os critérios do próprio Ministério da Educação. Na área de teologia e ciência(s) da(s) religião(ões) da CAPES, a maioria dos PPGs é de universidades confessionais, e tão bem avaliada como os PPGs de outras áreas que fazem parte das mesmas universidades. A questão toda se resume em analisar a proposta do PPG para saber se é meramente proselitista ou apologética, ou se ela se reveste de caráter e valor acadêmico, como é o caso do PPG em Teologia da PUC-SP.

3. A hermenêutica latino-americana

A teologia não é simples enunciado ou defesa de doutrina religiosa. Ela é uma reflexão crítica sobre a fé – *fides quaerens intellectum* – e sobre a prática que ela produz – *intellectus amoris*. As afirmações de Santo Anselmo e de Jon Sobrino marcam os pontos referenciais iniciais do trabalho teológico, que é desenvolvido, como foi dito, de maneira pertinente aos diferentes contextos históricos e sociais. Não se trata de relativizar conteúdos, mas de historicizar a compreensão sistemática da fé e a prática cristã.

Efetivamente a teologia fez enormes avanços no século passado, sobretudo, em termos católicos, no período do Concílio Vaticano II e naquilo que se lhe seguiu historicamente.²³ Se a sociedade evoluiu, e ela o fez rapidamente em vários e diversos setores, como a comunicação, a tecnologia, as ciências médicas etc., então a Igreja e a teologia que é desenvolvida em seu interior também precisaram evoluir para continuar pertinentes e significativas para a sociedade na qual se inserem. Esta foi uma das grandes percepções do Vaticano II, entendido como grande esforço de *aggiornamento* da compreensão da fé e da forma de a Igreja situar-se no mundo.²⁴ Daí se seguiu uma

elaboração teológica que, guardando fidelidade à tradição, se descobria inserida em contextos socioculturais bastante diferenciados no mundo que se tornava uma “aldeia global”. Apareceram, então, as teologias contextuais e, nesse movimento, o grande trabalho de elaboração de uma teologia de marca latino-americana, conhecida na época como teologia da libertação.

Fazer teologia latino-americana não é uma questão geográfica, mas epistemológica. Claro que a base da fé permanece a mesma, na referência à história de Jesus de Nazaré e à experiência de Deus que as comunidades crentes, na perspectiva de seu seguimento, viveram na história. Mas o pensamento latino-americano desenvolveu uma forma própria de compreendê-la e vivenciá-la, de forma que isso passou efetivamente a identificar a maneira de pensar a teologia cristã no continente. Mais ainda, a teologia aqui elaborada e a Igreja na qual se inseriu, sem restrição apenas à confissão católica, contribuíram enormemente para as transformações sociais que a sociedade conheceu – cultural, política, social e economicamente – em praticamente todos os países do continente. Não é exagero histórico afirmar que a sociedade latino-americana é o que é hoje por conta, também, da teologia que ela conheceu nas décadas passadas.

O que caracterizou o procedimento teológico cristão latino-americano, sua forma de compreender e praticar sua fé em Jesus e, assim, sua maneira de afirmar sua identidade de pertença à tradição eclesial, foram alguns pontos que podemos resumir em dois passos epistemológicos bem definidos.²⁵ O primeiro é o de compreender a

²³ Em vista da importância do Concílio Vaticano II, confira: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS (FIUC). *50 anos após o Concílio Vaticano II: Teólogos do mundo inteiro deliberam*. São Paulo: Paulinas, 2017.

²⁴ Veja-se o *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*, em 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html>.

²⁵ É conhecida a compreensão segundo a qual a leitura não se faz apenas em função do entendimento do texto, mas em função de o leitor se entender diante do texto, com as narrativas assumindo aqui importância capital. Paul Ricoeur trabalha de maneira bastante desenvolvida estes aspectos em vários de seus textos, e muitos de seus comentadores continuam na mesma perspectiva, inclusive com a questão da compreensão da identidade narrativa. Veja-se, por exemplo, Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994-1997. 3 vols.

teologia como “ato segundo”,²⁶ ou seja, momento teórico de reflexão sobre a prática histórica dos cristãos, de maneira a compreendê-la, orientá-la e incentivá-la em direção à sua transformação para se aproximar do ideal do Reino de Deus. Por isso, a teologia da libertação existe porque há uma Igreja da libertação, e é latino-americana porque se refere à Igreja que aqui existe e atua. A metodologia teológica utilizada preferencialmente foi aquela conhecida como “ver, julgar e agir”,²⁷ porque a prática cristã, ao mesmo tempo base e objetivo da reflexão teológica, precisava se desenvolver de acordo com a sociedade onde os cristãos se inseriam, com os princípios e afirmações da fé eclesial e com eficácia histórica para a transformação social. Outras características da forma de fazer teologia na América Latina, como a referência bíblica, a hermenêutica histórico-filosófica, as alianças sociais e o incentivo às Comunidades Eclesiais de Base, tinham também como ponto nevrálgico o envolvimento com a prática cristã, ainda que a teologia permanecesse como elaboração teórica.

Outro passo epistemológico bem definido e praticado na teologia latino-americana foi aquele conhecido como “ruptura epistemológica”.²⁸ Tal ruptura insere a opção preferencial pelos pobres como chave de leitura da Revelação e, portanto, da compreensão da fé e da prática dos cristãos. Tal dado não vem apenas da realidade social, de forma a compor a estratégia pastoral ou política para guardar influência junto às classes menos favorecidas, mas constitui elemento essencial da hermenêutica teológica, pois está “implícita na fé cristológica”.²⁹ É verdade que, sob este aspecto, não apenas a teologia

²⁶ Assim Gustavo Gutierrez. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

²⁷ Cf. Agenor BRIGHENTI. Método Ver Julga e Agir. In: João Décio PASSOS; Wagner Lopes SANCHEZ (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

²⁸ Assim em Clodovis Boff. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993.

²⁹ Assim em Bento XVI. Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência*

latino-americana, senão toda teologia cristã leva esta marca. Na América Latina isso assumiu, em tempos de teologia da libertação, forte conotação política e ideológica, com amplos setores da sociedade sendo influenciados por este pensamento, independentemente da confissão religiosa, e vários mecanismos de poder a ele se opo. Todos conhecemos o resultado que a história nos reservou.

O que vale destacar é que esta forma de fazer teologia, de modo contínuo, permaneceu no interior dos trabalhos teológicos desenvolvidos no continente, embora velada em determinados momentos e latitudes. Assim, constitui também o horizonte no qual se desenvolve a proposta e o trabalho do PEPG em Teologia da PUC-SP, sendo que este é herdeiro desse trabalho teológico latino-americano. Aliás, seja lembrado que a então Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, hoje reintegrada à PUC-SP, tem sido um dos centros mais importantes da elaboração da teologia da libertação no continente, com o trabalho sendo desenvolvido de forma acadêmica, sistemática e ecumênica. O saber fazer adquirido da experiência permite continuar a realizar um trabalho teológico que se faz em relação à prática eclesial e à realidade social existente no continente latino-americano.

É claro que existem, também, aportes diferenciados que advêm do próprio avanço da ciência e das transformações sociais. Embora exista em outros tempos, o estudo das narrativas adquire hoje caráter mais importante como forma de abordagem do texto bíblico, dos estudos da história, da forma de conhecer a sociedade e as ações dos cristãos. Ainda se trabalha dentro da atenção à prática dos cristãos a partir da preferência pelos pobres, mas se dá outro valor ao instrumental de outras ciências que ajudam o desenvolvimento do trabalho teológico. Assim como no passado a sociologia, a filosofia e a história foram importantes para o trabalho de elaboração teológica,

Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. Brasília; São Paulo: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2008. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>.

hoje se tornam também importantes as artes, a arqueologia, a antropologia, a linguística e outros ramos do conhecimento, exigindo do teólogo uma grande capacidade de abertura e diálogo para poder, aprendendo com outras ciências e realidades, desenvolver seu trabalho de forma própria e adequada.

4. O princípio do diálogo

Uma leitura mais atenta dos Evangelhos já permite perceber o quanto, aparentemente, o próprio Jesus de Nazaré, ao comunicar sua mensagem, insistia no diálogo com seus ouvintes. De qualquer forma, as narrativas neotestamentárias apresentam amplamente perguntas críticas, incompreensões e resistências aos discursos proferidos e gestos realizados por Jesus, sendo que os diálogos culminaram em controvérsias, acusações e condenação à morte. Mesmo assim, Jesus de Nazaré, em princípio, não desistiu do diálogo, embora, em alguns momentos, tenha optado por não responder mais nada.

Contudo, a necessidade do diálogo surgiu concomitantemente ao projeto anunciado. Acolhendo, pois, as dimensões exodais e proféticas da religião do antigo Israel, Jesus de Nazaré insistiu, centralmente, na inversão do destino das pessoas mais sofridas. E tal processo histórico, com suas dimensões político-sociais, contava com o engajamento corajoso e corresponsável de todos. Talvez a narrativa sobre a multiplicação dos pães, única seis vezes contada nos quatro Evangelhos, seja um dos melhores exemplos para ilustrar a dinâmica prevista. No caso, a narrativa bíblica, de forma literária, sublinha justamente que é o diálogo entre Jesus e seus seguidores que leva estes últimos à compreensão da importância do ensino, da reorganização da sociedade em grupos menores, da existência de lideranças preocupadas com o povo sofrido, e à visão sábia de que os recursos existentes são suficientes para provocar o milagre da superação da miséria, fazendo todos experimentarem a abundância. Enfim, torna-se evidente que esse diálogo histórico,

de forma inteligente, poderia continuar na atualidade, a fim de os avanços com a construção de um “Brasil sem fome” se encontrarem cada vez mais favorecidos.

Seja aproveitado mais um pouco o exemplo aqui dado para ilustrar as dimensões amplas desse diálogo. Quando, pois, a teologia realiza seu exercício exegético-hermenêutico de compreensão das narrativas bíblicas, ela descobre que, na vida de Jesus de Nazaré, o projeto político-social do combate à fome se abre à experiência mística de Deus. Afinal, ele repete o gesto quádruplo realizado no momento de multiplicar os pães – tomando o pão, olhando para o céu, agradecendo a Deus, dividindo o pão e dando-o a seus discípulos – também na última ceia, sendo que agora, segundo suas palavras, se identifica de tal forma com o pão partilhado que este traz presente a sua pessoa. Sem poder estender a reflexão aqui, é, por sua vez, possível imaginar as dimensões político-sociais que as celebrações religiosas da Eucaristia a partir desse paralelismo adquirem. Torna-se claro que não é possível limitar a celebração da fé cristã a qualquer espaço meramente interno, sem que o mistério aí pensado e/ou acreditado se tornasse um impulso para o diálogo com a sociedade.³⁰

O que foi descrito aqui, ou seja, o fenômeno de os conteúdos da fé cristã se dirigirem ao mundo, e não somente a um grupo particular, limitado e fechado, é amplamente estudado na teologia, sendo que o PPG em Teologia da PUC-SP, através das pesquisas nele realizadas, procura participar vivamente desse processo. Seja mencionada, a título de exemplo, a questão ecológica ou a realidade das migrações e dos imigrantes.³¹ Com isso, a teologia, junto às demais ciências

³⁰ Cf. Matthias GRENZER. Multiplicador dos pães (Mc 6,30-44). In: Ney de SOUZA (org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 9-24.

³¹ Em vista da questão ecológica, veja a contribuição importante do Papa FRANCISCO (*Carta Encíclica Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015), sendo que a teologia, por sua vez, tem a tarefa de investigar a reflexão teológica presente nas colocações magisteriais (confira Antonio MANZATTO. O Papa

estudadas na universidade, se coloca a serviço das pessoas, da sociedade e da humanidade como um todo, consciente, de um lado, da atualidade da fé cristã estudada por ela, sabendo que os modelos de comportamento resultantes dessa tradição religiosa podem se tornar um ganho significativo para quem se interessa pela sobrevivência digna de todos. De outro lado, a teologia é enriquecida por esse diálogo, sendo que “a inteligência do amor” como verdade afirmada por ela é constantemente testada. Todavia, para que esse diálogo possa acontecer, é preciso investir em “consciência da história” e “teologias contextuais”, indo ao encontro do homem que vive na modernidade, disposto a enfrentar a tarefa de contínua “atualização” e “refontização”.³² Mais ainda: nesse processo de diálogo, a teologia, de um lado, estuda e expõe sua reflexão para ajudar as pessoas na busca de um conhecimento mais autêntico da fé cristã, sabendo, de outro lado, o quanto “os teólogos dependem do *sensus fidelium*” e “refletem sobre o *sensus fidelium*”.³³

Continuando o pensamento anterior, percebe-se também a importância de haver um diálogo entre os teólogos, no sentido de nenhum deles ser excluído de sua eventual participação no debate, uma vez que, com competência intelectual e vontade refletida, se proponha a enriquecer os estudos teológicos. Embora, na teoria, pareça ser algo óbvio, no mundo de pesquisa realmente existente sabe-se da necessidade de aumentar o número de quem ainda é minoria, especialmente das mulheres.

Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*, v. 86, p. 183-203, 2015). Sobre a temática dos imigrantes, veja Matthias GRENZER; Francisca Cirlena Cunha SUZUKI. Voltar, com a família, à sociedade em conflito (Ex 4,18-20). *Didaskalia*, v. 46, p. 159-178, 2016; Matthias GRENZER. Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22): traços característicos do personagem Moisés. *Atualidade Teológica*, v. 49, p. 75-89, 2015.

³² Antonio MANZATTO. O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia. *Cadernos Teologia Pública*, n. 107, v. 13, p. 6.10-12, 2016.

³³ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Sensus Fidei na vida da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 53-55.

Há ainda outro aspecto em relação ao princípio do diálogo aqui descrito. Além do diálogo com as pessoas, a sociedade e a humanidade em geral, a teologia procura dialogar com as demais ciências. Uma das razões para tal diálogo se encontra no fato de a teologia, em muitos momentos, precisar realizar investigações específicas de cunho linguístico-literário, histórico-arqueológico, sociopolítico etc. Nesse sentido, é óbvio que as demais ciências, com seus conhecimentos e suas pesquisas, se tornam endereço para um amplo intercâmbio. Além disso, o “debate” interdisciplinar e qualificado favorece que, “aprendendo os valores do ambiente democrático”, se busque “sempre apresentar a autoridade dos argumentos, e não argumentos de autoridade”, sendo que assim se pode participar da “busca do bem comum, da universidade e da sociedade, de braços dados com pessoas, grupos e realidades diferentes que também querem o bem comum da humanidade”.³⁴

Enfim, querendo e precisando participar dos mais diversos diálogos – também no âmbito do mundo da cultura e da arte, algo ainda não mencionado até aqui –, percebe-se o quanto a teologia precisa assumir determinada responsabilidade. Enquanto o Estado e suas instituições são laicos, algo muito útil e necessário, as pessoas e o povo, em geral, continuam a ter sua fé religiosa. A teologia, ao ser, como descrito acima, a ciência que estuda criticamente a fé cristã, se torna um instrumento bem-vindo no sentido de cuidar desse patrimônio cultural e singular da humanidade. Além disso, o Estado e suas instituições não estão isentos do perigo de se corromperem, deixarem de ser democráticos e insistirem na opressão violenta dos cidadãos. Também as Igrejas cristãs hão de enfrentar esse mesmo perigo. A teologia, por sua vez, ao insistir na verdade libertadora da “inteligência do amor”, adquire aqui a tarefa de ajudar, de forma responsável, na defesa irrestrita da justiça, da liberdade e da

³⁴ Antonio MANZATTO. A teologia na universidade: perspectivas. *Revista de Cultura Teológica*, v. 69, p. 71, 2010.

sobrevivência digna de todos, de acordo com o encontro original e revelador entre Jesus de Nazaré e seus seguidores, tão estudado por ela.³⁵ Assumindo esse compromisso, ela deixa de ser “uma teologia de gabinete” e, “em diálogo com outras ciências e experiências humanas”, começa, de forma corajosa e com sua “finalidade” definida, participar dos debates mais decisivos em vista das construções de convivências alternativas, fazendo “as culturas no seu conjunto” vislumbrarem a salvação da humanidade.³⁶

Considerações finais

É verdade que a teologia elaborada na universidade não se define estritamente por sua ligação ou seus procedimentos eclesiais. Ela se torna acadêmica e, mesmo seguindo suas próprias exigências de cientificidade, como que adquire direito de cidadania e torna-se reconhecida como membro dos que compõem a sinfonia do conhecimento humano. Teologia não é simples discurso religioso proselitista nem se define por seus parâmetros confessionais. No entanto, ela se refere a uma fé enquanto se define, em sua própria natureza, como reflexão crítica sobre essa mesma fé e a prática que ela desencadeia. Dessa forma, a teologia, mesmo a acadêmica e cidadã, sempre se referirá a uma fé historicamente situada e concretizada, inclusive em relação à instituição confessional. Como isso está em sua natureza mesmo e em seu procedimento epistemológico, o risco de seu desvirtuamento é deixar de ser o que é.

Assim sendo, não há impedimentos para que a instituição que abriga o Programa em Teologia siga os mesmos critérios determinados para a organização e avaliação dos cursos e pesquisas desenvolvidos no âmbito da pós-graduação. Não há impedimentos

³⁵ Confira Antonio MANZATTO. O teólogo, responsável pelo mundo. *CiberTeologia*, v. 10, p. 67-73, 2007.

³⁶ Papa FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. n. 133.

para que a CAPES avalie, como consta em seus documentos e no próprio documento da área, os Programas de Teologia com os critérios eminentemente técnicos e acadêmicos que utiliza para a avaliação dos outros programas de pós-graduação. A nova área definida pela CAPES – Área de Teologia – não corre o risco de ser menos produtiva ou menos qualificada que outras por suas ligações eclesiais e religiosas.

Claro que o termo “teologia” não é propriedade exclusiva do cristianismo, mas ele se desenvolveu no ambiente acadêmico em relação estrita com o cristianismo, e por isso não é estranho que se fale de uma “teologia cristã”. A natureza mesma da teologia, já foi dito, refere-se a uma confissão de fé específica, e nesse caso o PPG em Teologia da PUC-SP elabora sua teologia com a especificidade cristã. Claro que uma reflexão que enfoque o diálogo inter-religioso tem ali espaço, mesmo porque o cristianismo sabe que sua proposta não é exclusiva no mundo contemporâneo.

Sendo cristã, não é de estranhar que o cerne da teologia aqui desenvolvida tenha uma referência central explícita a Jesus Cristo, sem o que ela não seria cristã. Mas não é um discurso hermético, mas refere-se à experiência de humanidade e de convivência que vem da pregação e da referência a Jesus. Por isso ela se abre, de um lado, à realidade contemporânea latino-americana e, de outro, à capacidade dialogante de sua reflexão com relação a outras realidades humanas. O fato de ser cristã e latino-americana não a limita, mas a situa. E, por situar-se conhecendo sua identidade, pode mais fácil e amplamente dialogar, e mesmo produzir diálogo, com outras ciências e realidades do mundo do conhecimento ou de outras áreas do agir humano.

Note-se, por fim, que a recente história da teologia latino-americana, sobretudo em tempos de teologia da libertação, mostrou exatamente que uma reflexão teológica que leve a sério a realidade histórico-humana seja importante para a compreensão do mundo

e a ação que o transforma. Outras ciências se interessaram por essa reflexão teológica, até mesmo passaram a refletir sobre seu conteúdo. Isso mostra apenas que a teologia se refere ao humano e, como tal, faz, sim, parte do universo de campos de conhecimento que querem conhecer o humano e ajudá-lo a se situar no mundo onde habita. Daí que o diálogo com as ciências, com as artes, com a política, enfim, com amplos campos do agir humano, é próprio da reflexão teológica que não fica presa, por sua própria natureza, ao hermetismo de discursos religiosos proselitistas.

O PPG em Teologia da PUC-SP, assim, afirma não apenas sua razão de ser, mas a amplitude de seu trabalho e a diversidade de sua produção. Inserido na universidade, efetivamente faz-se presente no universo das ciências que se propõem a fazer a humanidade prosseguir em seu caminho na história. Nem por isso deve renunciar à sua identidade, porque então já não seria mais teologia. A proposta de Jesus continua repercutindo hoje em dia, e não apenas muitos são tocados por sua figura e mensagem, como o mundo continua ainda perscrutando o significado de sua existência humana enquanto proposta de reorganização da vida em benefício de todos, em primeiro lugar dos pobres e mais fracos, exatamente para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Bibliografia

- BARBAGLIO, Guiseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BORDT, Michael. *Platons Theologie*. Freiburg: Herder, 2006.
- BRIGHENTI, Agenor. Método Ver Julga e Agir. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Sensus Fidei na vida da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 53-55.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS (FIUC). *50 anos após o Concílio Vaticano II: teólogos do mundo inteiro deliberam*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato si': sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. n. 133.
- GRENZER, Matthias. Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22): traços característicos do personagem Moisés. *Atualidade Teológica*, v. 49, p. 75-89, 2015.
- GRENZER, Matthias. Multiplicador dos pães (Mc 6,30-44). In: SOUZA, Ney de (org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 9-24.
- GRENZER, Matthias; SUZUKI, Francisca Cirlena Cunha. Voltar, com a família, à sociedade em conflito (Ex 4,18-20). *Didaskalia*, v. 46, p. 159-178, 2016.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.
- HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- KUZMA, Cesar. A teologia no universo científico e sua especificidade epistemológica. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio; PASSOS, João Décio (org.). *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 231-247.
- LAURET, Bernard; REFOULE, François (org.). *Iniciação à prática da teologia*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIBÂNIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000.

- MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões & Ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MANZATTO, Antonio. A teologia na universidade: perspectivas. *Revista de Cultura Teológica*, v. 69, p. 71, 2010.
- MANZATTO, Antonio. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*, v. 86, p. 183-203, 2015.
- MANZATTO, Antonio. O teólogo, responsável pelo mundo. *CiberTeologia*, v. 10, p. 67-73, 2007.
- MANZATTO, Antonio. O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia. *Cadernos Teologia Pública*, n. 107, v. 13, p. 6.10-12, 2016.
- PASSOS, João Décio. Teologia na universidade: coisa eclesial ou pública? *Rever: Revista de Estudos da Religião*, ano 16, n. 1, p. 80-93, 2016.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994-1997. 3 vols.
- SCHNEIDER-HARPPRECH, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sino-dal, 2005.
- SENRA, Flavio. O teólogo e o cientista da religião: religiografia acerca das interfaces entre Ciências da Religião ou Religiologia e Teologia no Brasil. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, ano 16, n. 1, p. 109-136, 2016.
- SESBOUÉ, Bernard. *História dos dogmas*. São Paulo: Loyola, 2002-2006. 4 vols.
- SESBOUÉ, Bernard. *Le Christ dans la tradition de l'Église*. Tournai: Desclée, 2000.
- SINNER, Rudolf von. Teologia pública no Brasil. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio; PASSOS, João Décio (org.). *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 264-276.
- SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História do proto-cristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

VOIGT, Emilio. *Contexto e surgimento do Movimento de Jesus: as razões do seguimento*. São Paulo: Loyola, 2014.

Sites

- ANPTECRE. Disponível em: <<http://www.anptecre.org.br/index.php?pagina=associado&tela=14>>.
- BENTO XVI. Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 13-31 de maio de 2007. Brasília; São Paulo: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2008. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>.
- CAPEs. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>.
- CRITÉRIOS DE APCN 2017 – Teologia, p. 2. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/Criterios_apcn_2semestre/Crit%C3%A9rios_de_APCN_2017_-_Teologia.pdf>.
- DISCURSO do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II, em 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html>.
- REGULAMENTO DO PPG em Teologia da PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/teologia#regulamento>>.

Recebido em: 06/03/2017

Aprovado em: 09/05/2017